

A poluição atmosférica no mundo pós-Covid-19

JOANA BRANT E CAMILA RODRIGUES



Imagem: Reprodução/Canva

A poluição atmosférica é um processo de alteração da atmosfera terrestre com pequenas partículas, tais como dióxido de nitrogênio, dióxido de enxofre, monóxido e dióxido de carbono, provenientes de modos ineficientes de meios de transporte, combustíveis domésticos, queima de resíduos, usinas de energia movidas a carvão, atividades industriais, desmatamentos, queimadas e vulcões.

Esse processo de poluição tem efeito prejudicial à saúde humana e ao meio ambiente. A exposição humana à poluição permite a entrada dessas partículas nos pulmões e sistema circulatório agravando ou gerando doenças, principalmente respiratórias e cardiovasculares. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a poluição atmosférica pode causar cerca de sete milhões de mortes por ano em todo o mundo, decorrentes de derrames cerebrais, ataques de coração, obstruções pulmonares

e infecções respiratórias, sobretudo em crianças e idosos. Também pode estar associada ao câncer, doenças oculares, distúrbios de fertilidade e problemas gestacionais. Ademais, frente à pandemia de Covid-19, evidências sugerem que a poluição do ar pode afetar a capacidade pulmonar de desinfecção de patógenos, contribuindo para a gravidade da doença.

O meio ambiente também sofre consequências conhecidas com a poluição, como efeito estufa, aquecimento global, chuva ácida, aumento do nível do mar, desertificação de áreas férteis e migração de espécies. Segundo um estudo realizado na Amazônia, concentrações elevadas de gás carbônico na atmosfera estão alterando o ritmo de crescimento das árvores, que morrem mais cedo, substituídas mais rapidamente por árvores jovens, que podem significar risco de perda de biodiversidade da floresta e redução da capacidade de

retirar dióxido de carbono da atmosfera.

Durante o isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 houve uma queda das taxas globais de poluição. As notícias têm mostrado os resultados da diminuição da poluição, com destaque ao Himalaia, que pela primeira vez em trinta anos ficou visível para a Índia, país que registrou melhora na qualidade do ar em 50%. Já na Itália, além da redução significativa de dióxido de nitrogênio, as águas dos canais de Veneza ficaram claras. A China, país que emite mais gases poluentes no mundo em virtude de atividades industriais, também apresentou declínio significativo de dióxido de nitrogênio.

ano em relação a 2018 (último ano com dados divulgados), em consequência do desmatamento.

O ano de 2020 poderá terminar com cerca de 14.500 km² desmatados na Amazônia e emissões 51% maiores que 2018. A principal causa do desmatamento na Amazônia é a pecuária, seja para a criação de animais ou para plantação em larga escala do alimento consumido por eles. No mais, durante a pandemia houve uma diminuição do abate de bovinos e, com isso, sua criação em grandes proporções contribuiu com a elevação da poluição, uma vez que o gado libera altas quantidades de gás metano, considerado um gás de efeito estufa.

"No momento, devemos refletir a respeito do que é essencial de fato para manter o bem-estar social, econômico e ambiental."

No Brasil, foi observada a diminuição da poluição em diversos estados, especialmente em São Paulo, onde a redução de monóxido de carbono e óxido de nitrogênio foi de 50%. Além disso, houve também a diminuição de 30% de material particulado, produto que sai do escapamento dos carros e do desgaste dos pneus no asfalto.

Apesar da redução da emissão de gases de efeito estufa dos setores de energia, transportes, resíduos e processos industriais, o Brasil pode ir na contramão do que está acontecendo no mundo. Dados mais recentes publicados em nota técnica pelo Observatório do Clima relataram que as emissões podem subir entre 10 e 20% este

E como ficaremos quando a pandemia acabar? Calamidades anteriores demonstram que respostas políticas tendem a se concentrar em impactos econômicos e sociais, estabilizando indústrias e rotinas. Entretanto, devemos aproveitar a oportunidade de transformação para um mundo pós-pandemia mais sustentável. Diante da diminuição das diversas atividades exercidas pelos seres humanos é possível observar os impactos no meio ambiente que antes não se percebiam, pois o mundo não "podia parar". No momento, devemos refletir a respeito do que é essencial de fato para manter o bem-estar social, econômico e ambiental.



Imagens: Reprodução/Romny Santos/Folhapress

No município de São Paulo houve 50% de redução na emissão de monóxido de carbono e óxido de nitrogênio após a quarentena imposta em consequência da pandemia de Covid-19.

Com a pandemia, fomos forçados a adaptações socioeconômicas, como trabalho remoto, videoconferência, comércio eletrônico e redução das viagens aéreas. Tais medidas, se adotadas daqui em diante, podem contribuir com a redução das emissões de carbono na atmosfera. O investimento em fontes de energia de baixa emissão de carbono, energias renováveis como eólica e solar, bem como a utilização de carros elétricos, pode ter efeitos benéficos no controle da poluição.

Entretanto, esses esforços, ainda que válidos, se tornam coadjuvantes quando consideramos o desmatamento. Uma das formas mais efetivas de agir contra ele é a

diminuição do consumo de carne bovina, que é o que motiva o desmatamento altamente predatório na Amazônia. É possível, com base na educação alimentar e nutricional, reduzir o hábito de consumo de carne, o que poderia impactar o interesse comercial na pecuária e, conseqüentemente, diminuiria a pressão pelo desmatamento.

Precisamos parar para pensar que sim, é possível alcançar melhorias na convivência com o meio ambiente por meio de mudanças comportamentais. A vida funciona de sinergias, ou seja, de cooperação coletiva e simultânea. Existem meios de mudanças no dia a dia e temos a oportunidade de agir positivamente em relação ao nosso futuro.